

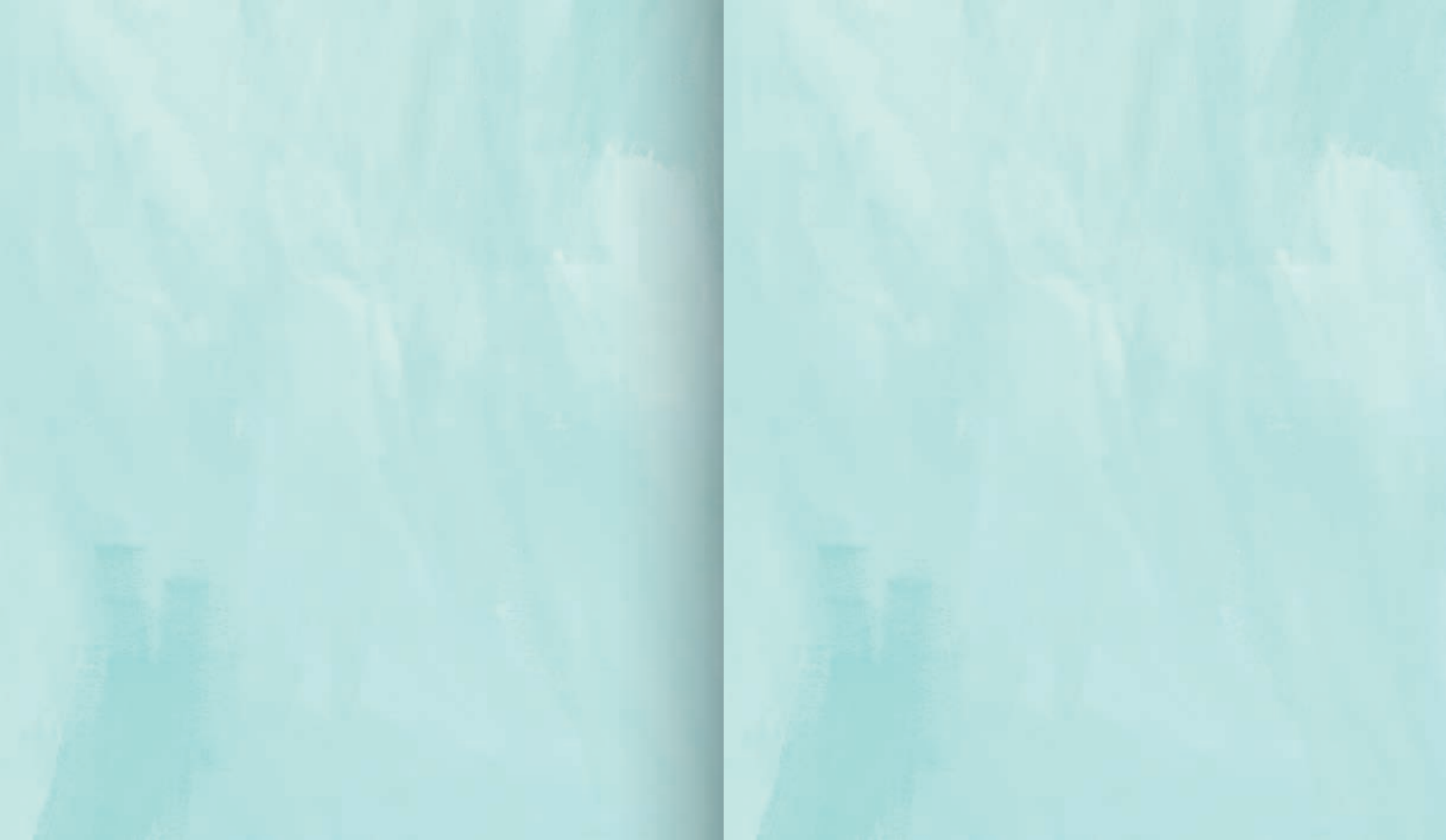
SUZANO

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS, SELMA MARIA
E ESTUDANTES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS

ILUSTRAÇÕES DE NARA ISODA





SUZANO

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS, SELMA MARIA E ESTUDANTES
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS

ILUSTRAÇÕES DE NARA E HEITOR ISODA



OLHARES

São Paulo 2020



A Suzano, referência global na produção de bioprodutos desenvolvidos a partir do cultivo do eucalipto, está instalada há décadas no município de Suzano e leva em sua marca o nome da cidade, o que lhe dá muito orgulho. E fazer parte do projeto “A cidade da gente”, em parceria com a Prefeitura de Suzano, é motivo de muita alegria.

Com mais de nove décadas de história, a Suzano trabalha todos os dias para fornecer produtos essenciais para a vida das pessoas, o que vai muito além do papel. Ao receber palavras, seja em verso ou prosa, a folha em branco deixa de ser só papel, passa a ser instrumento que permite viajar no tempo, no espaço e conhecer novas histórias ou a sua própria. O livro tem um poder transformador tanto para quem escreve quanto para quem lê, e ser gente que inspira e transforma faz parte da nossa cultura.

Conhecer a própria história é a melhor forma de conhecermos a nós mesmos e de trabalharmos, juntos, por um futuro melhor. E este é um compromisso da Suzano com a sociedade.

O projeto “A cidade da gente” nasceu com esse objetivo: o de resgatar e registrar o passado e a cultura de Suzano pelo olhar das crianças, fazendo delas protagonistas da própria história. E, para nós, da Suzano, é uma honra ter um papel neste capítulo.

Boa leitura!

Sumário

8 Patrimônio edificado e a Igreja do Baruel

18 Estradas de ferro e estações

26 Monteiro Lobato

32 Imigrantes em Suzano

36 Imigração sirio-libanesa

46 Imigração japonesa

54 Migração nordestina

56 Festa nordestina

60 Cinturão Verde

72 Águas de Suzano



Se existem muitas maneiras de falar sobre uma pessoa, imagine de quantas formas podemos falar sobre uma cidade.

Este livro investiga a história de Suzano com esse olhar. Vejam só: ela fica na região do Alto Tietê e é vizinha de muitas outras cidades: Arujá, Biritiba-Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis, Santa Isabel. E faz parte da maior região metropolitana do país: a Grande São Paulo.

Hoje quase 300 mil pessoas vivem em Suzano, e muitas delas trabalham no comércio, na agricultura e nas indústrias, que são as principais atividades econômicas da cidade.

Aqui moravam povos indígenas nas margens dos rios Guaió e Taiaçupeba-mirim. Com o tempo, nossa terra virou um lugar de

passagem, por causa da Estrada Real do Guaió, que ligava o litoral a Minas Gerais.

Suzano se emancipou de Mogi das Cruzes no dia 2 de abril de 1949 e assim já apagou 71 velinhas de aniversário.



Agora vamos falar deste projeto de leitura e escrita para novos leitores:

Ele envolveu as escolas municipais da cidade, com apoio da Secretaria Municipal de Educação. Participaram os alunos de quarto ano da Escola Municipal Professora Célia Pereira de Lima, da Escola Municipal Engenheiro Isaias Martinelli Gama, da Escola Municipal Professora Therezinha Pereira de Lima Muzzel e da Escola Municipal Adélia de Lima Franco.

Os alunos e as professoras produziram prosa e poemas sobre o patrimônio edificado, imaterial e ambiental. Por isso, o livro fala da Igreja do Baruel, das estações de trem, das imigrações e migrações, além das festas e tantos outros temas.

E foi com a participação da comunidade escolar e da cidade que este livro foi feito, coletivamente, buscando um olhar múltiplo sobre Suzano.

Para guardarmos memórias, mostrar valores importantes, mas às vezes invisíveis, para fazermos da vida um tempo e um espaço com boas emoções e construtivas leituras de mundo.

Aliás, falando em leitura, desejamos a você uma boa leitura deste livro Suzano, a cidade da gente!



Patrimônio edificado e a Igreja do Baruel

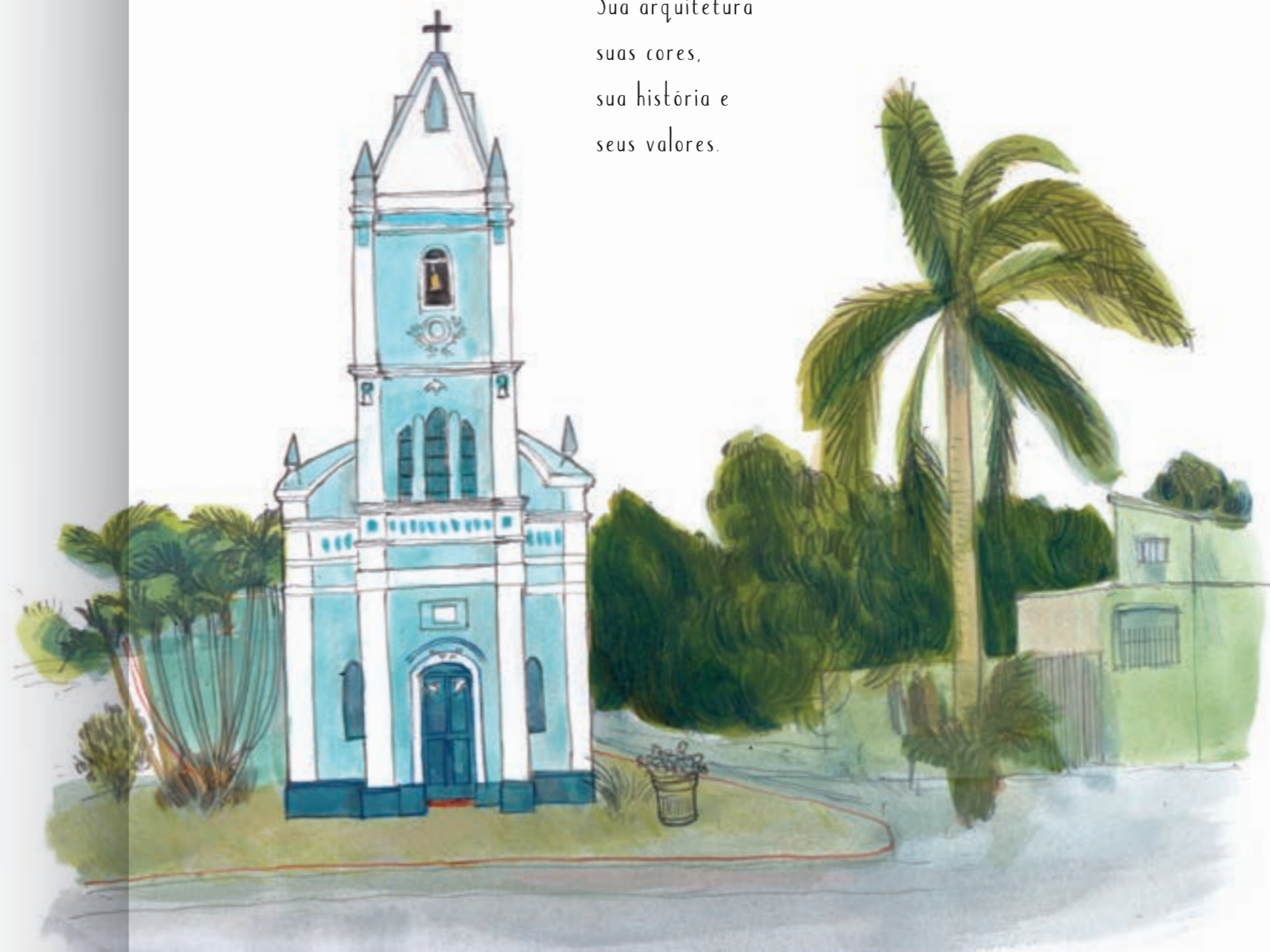
Em Suzano existem dois prédios históricos que estão em processo de tombamento. Opa! Não é nada disso que você está pensando! Nós dissemos tomar, e não derrubar! Tombamento é o termo técnico que indica que a construção deve ficar para sempre preservada, que merece virar um patrimônio edificado da cidade.

Um deles é o Templo Budista Nambei Shingonshu Daigozan Jomyoji, onde está a maior estátua de Buda da América Latina, feita num único tronco de 3 metros de altura. O outro é a Igreja do Baruel, considerada o marco zero da cidade.

Durante as pesquisas sobre o bairro Baruel, os alunos do 4º ano da Escola Isaias Martinelli Gama entrevistaram o sr. Américo José Castro, antigo morador da comunidade, que falou sobre a história local. Depois, eles fizeram esse poema bem bonito.

Igreja do Baruel

O sino toca, é o sinal
De entrar e ver
Sua arquitetura
suas cores,
sua história e
seus valores.



Toda feita de taipa de pilão, a Igreja do Baruel é uma das construções mais antigas da região do Alto Tietê, onde fica nossa cidade. Foi inaugurada em 1750 e tinha dentro dela muitos objetos bem antigos e luxuosos, como um sino que pesava quatro arrobas, cálices de prata, castiçais de bronze, coisas doadas pelos fazendeiros ricos e mineradores que trabalhavam em busca de ouro.

Durante duzentos anos ela ficou firme e forte. Mas um dia desabou uma tempestade e a capela caiu. Sabe como ela ressurgiu?



Um imigrante italiano chamado Roberto Bianchi juntou toda a comunidade, arregaçaram as mangas e deu no que deu, na boniteza que ela é hoje!

O sr. Roberto vendia ovos e frangos de casa em casa. Sua comida preferida era macarrão com frango, e logo vamos falar onde esse delicioso prato foi parar...

Para comemorar a reinauguração da Igreja, dona Ernestina Bianchi, sua esposa, organizou uma festa. E como toda boa festa tem que ter comida, o que foi oferecido para todo mundo? Macarrão com frango!

O que as pessoas não podiam imaginar era que essa inauguração viraria uma grande tradição na cidade que já dura 102 anos: a famosa Festa de Nossa Senhora da Piedade em Louvor ao Divino Espírito Santo – a Festa do Baruel!

Teve ano em que mais de quatro mil pessoas participaram da romaria, que tem um longo trajeto. Percorre diversos bairros pela rodovia Índio Tibiriçá, do centro à igreja, num total de 13 quilômetros num percurso que os romeiros vão a pé, de charrete, a cavalo ou de caminhão.





Um mês antes, já se tem a primeira ação dessa festa com a reza do terço de São Benedito. Chega setembro, e a grande comemoração começa, no Dia de Nossa Senhora da Piedade, com uma missa bem especial nesta igreja toda azul e branca que parece um pedacinho de céu.

Você já reparou como é bonito o Retábulo-Mor, que é a grande parede do altar? Ele veio junto com os bancos de outra igreja da cidade, a de São Sebastião, demolida na década de 1950 para dar lugar à Matriz de Suzano.

Bem, terminada a missa, a festa vai para a praça, que recebe um monte de apresentações culturais, brinquedos infláveis, comidas, e tem até levantamento de mastro no final. Tudo bem bonito e decorado com bandeiras coloridas para todos terem uma lembrança bem gostosa dessa festa. Você não quer contar a sua?



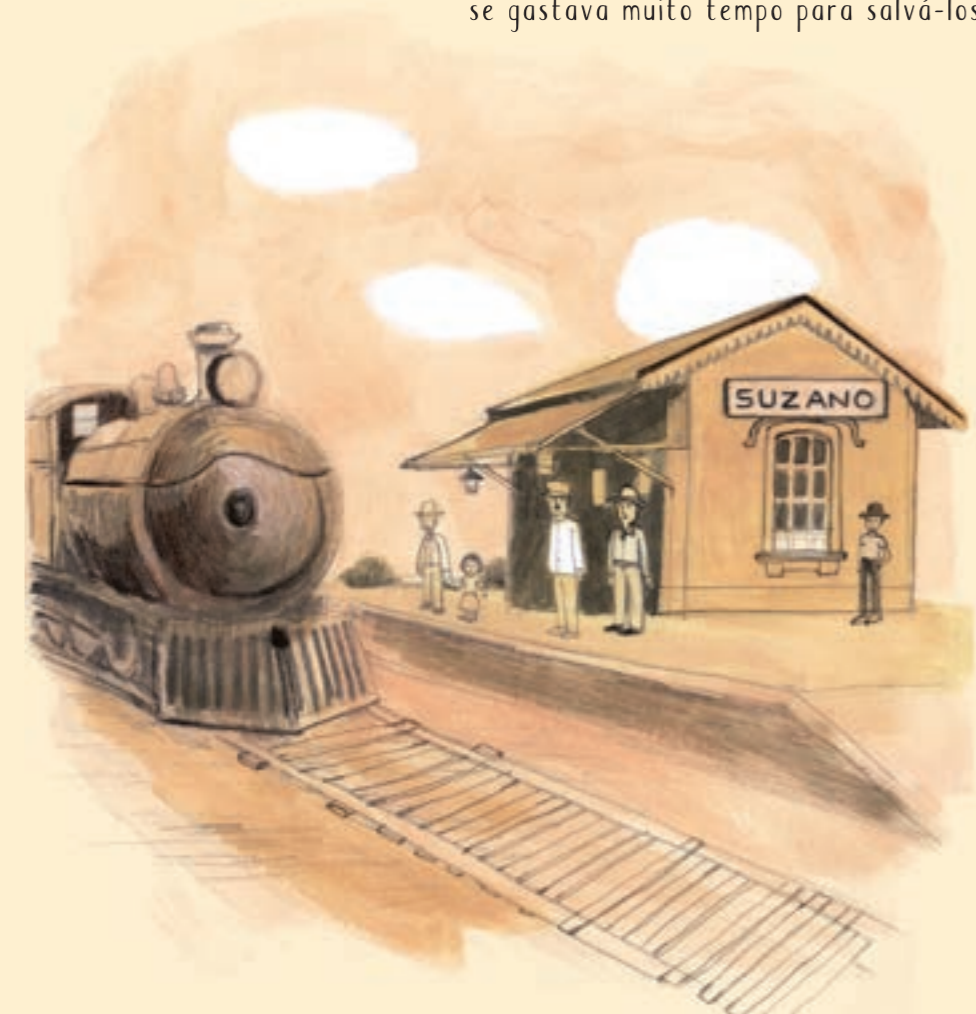
E por que Baruel? De onde vem esse nome? As crianças adoraram conhecer a história, porque no começo dela aparece um personagem de aventura: um pirata inglês, daqueles que aparecem em filmes, chamado Henry Barewell.

Das águas do mar, ele passou a percorrer nossas terras, chegou um dia na nossa cidade e aportou seu coração em outro tipo de porto: no coração de uma mulher que era viúva e muito rica. Tiveram filhos, netos, bisnetos e o trineto desse casal foi quem batizou o lugar. Batizou com o nome da família já abasileirado. De Barewell virou Baruel. O nome do bairro, da igreja e da... Praça do Baruel!

Quer dizer, na verdade, seu nome é Praça Maria Ernestina de Jesus Bianchi, onde tem fotografias que mostram a história do bairro e da igreja, um espaço para brincar e um grande cavalo de lata feito pelo artista Rodrigo Bittencourt. Ou seja, um espaço para festejar a vida!

Estradas de ferro e estações

Os alunos da Escola Adélia de Lima Franco e da Escola Therezinha Muzzel descobriram que antes da ferrovia, quem quisesse vir para cá ia ter de penar! Só dava para chegar de canoa, pelas margens do rio Tietê. Ou no lombo do burro. Mas os caminhos não ajudavam muito, em vários trechos os bichinhos afundavam pela metade no terreno fofo e se gastava muito tempo para salvá-los..



Já em 1873 começou a construção da primeira linha de trem, da Companhia Ferrocarril, para levar a produção de café das fazendas da região, ligando Mogi das Cruzes a São Paulo.

A estação teve dois nomes, Vila Concórdia e depois Vila de Piedade. Ficava no Baruel ao lado da capela e foi inaugurada em 1875 para levar cargas.

Tempos depois, foi erguida uma nova estação, nos Campos de Mirambava, onde atualmente é o centro da cidade. Fazia parte da poderosa Central do Brasil. Em 1908, a estação passou a ser chamada de Suzano, em homenagem ao engenheiro Joaquim Augusto Suzano Brandão, que dedicou muito do seu tempo a ela.

Com a chegada da linha férrea, que dizer, das estradas de ferro, a vida de Suzano mudou. Mais gente veio para cá. E, claro, muitos se encantavam com o lugar e resolviam ficar. Com o aumento dos moradores, cresceu o comércio.

O comércio ao lado das estações se formava para atender somente as necessidades da ferrovia. Vendia-se lenha e carvão para as composições. Pois a energia do fogo é que fazia a locomotiva andar puxando seus muitos vagões. Como um comércio puxa outro, foram surgindo lugares para vender comida, bebida, tecidos e muitas miudezas nos armarinhos. Daí a cidade começou a ter o seu centro, que continua até hoje.





Felizmente os trens continuam por aqui, ao contrário de muitas cidades do país, que arrancaram os trilhos e mandaram para longe esse som que faz parte da nossa história: Piuuuuu!!!! Piuuuuu!!!!

Hoje cerca de 21 mil pessoas passam todos dias por aqui, e o corre-corre e a agitação fazem parte do dia a dia dos nossos trilhos, que a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, a CPTM, comanda desde 1970.

Atualmente nos vagões de cargas os principais produtos transportados pela Companhia MRS são metais, cimento, produtos agrícolas, carvão e minério de ferro.

Para terminar, guarde na cachola uma coisa muito importante. Fazem parte do nosso patrimônio histórico, dois lugares diferentes, que remetem ao universo das ferrovias: Estação CPTM e Estação de Trens de Carga.

As professoras Sandra Rita da Silva Gomes e Luciana da Silva Rocha se animaram numa conversa de WhatsApp e resolveram fazer um poema, que ficou muito engraçado! Veja só como elas se divertiram nessa conversa bem poética:

Mistério

Passa por Suzano,
e leva nos seus vagões,
um pouco de mistério
ou muito só minério?
Só sei que ao ver o trem
Todo mundo fica sério.
Porque dentro de cada vagão...
Tem muito amor e emoção
Por cada pedaço que passa
Contempla as flores e o cinturão!



A aluna Thiphanny Monsão do 4º ano C, aluna da professora Oscarina na Escola Adélia de Lima Franco fez este poema sobre o seu sonho de ir de trem para Fortaleza!

Quem me dera!

Quem me dera num
vagão de trem
Com todas suas
riquezas
tantos amores e
gentilezas
e também sua frieza.
E que estivesse indo
para Fortaleza.



Monteiro Lobato

Nossa cidade tem uma relação muito bonita com esse grande escritor brasileiro, pioneiro na literatura para crianças e jovens no Brasil, que influenciou muitas gerações com as histórias do Sítio do Picapau Amarelo.

Lobato gostava de plantas e animais. Deve ser por isso que ele virou um escritor que falava tanto da natureza a seu redor. Ouvir histórias dos seus avós, coisa que ele também amava, fez com que criasse a Dona Benta, o Tio Barnabé e a Tia Anastácia, que são os melhores contadores de histórias que existem! Mas não deixem a boneca Emilia saber disso, senão ela fica com ciúmes.



No seu mundo fantástico, cheio de imaginação, moravam o Saci, a Cuca, um sabugo de milho muito nobre chamado Visconde de Sabugosa. A boneca de trapos que virou a menina falante se chamava Emilia, e ela não dava sossego para ninguém. E muitos outros personagens, que pularam dos livros e foram para as ruas de Suzano. Isso mesmo. Querem ver?

Lobato gostava de cultura, dizia que se apegava às letras, e não às terras. Mas sua família se apegou à nossa cidade e comprou um terreno aqui, o que fez surgir uma ligação da cidade com o nosso maior escritor para crianças. Uma ligação com muito amor.

Poucos municípios no Brasil se dedicaram a criar um bairro inteiro para homenagear um artista. Suzano criou a Vila Urupês, um bairro com muitas ruas com lindos nomes inspiradas na obra de Monteiro Lobato.

A Travessa Sacy só atravessa quem faz travessura ou sabe pular com um pé só. Se você quiser ficar calma, vá à Rua Alma Cabocla. Todo mundo fica forte na Rua Biotônico. Na Rua Gato Cinzento só mora quem gosta de gatinhos. Na Rua Príncipe Feliz parece que ninguém é infeliz. E você sabe quem canta na Rua Pica-pau?



Poema de Brenda e Maria Eduarda,
4º ano B

O Saci sempre ri,
quando a lara nada por aqui.
E quando ele sai mundo afora,
A sereia não demora
E molha tudo lá fora.

Poema de Pyetro e Miguel,
4º ano B

O Saci da minha cidade
está na minha rua.
Mas isso é estranho
porque ela é tranquila,
sem travessura.

A Vila Urupês
É cheia de ipês,
e quando chega a lua
A sereia lara
coloca sua tiara.

Urupês é o nome de uma das primeiras obras do escritor, voltada para o público adulto. Aqui na Vila Urupês está o Centro Cultural Colorado Monteiro Lobato, que fica ao lado da Rua Jeca Tatu.

Nesse espaço acontece um monte de atividades legais das quais as crianças, os jovens e os adultos adoram participar. São oficinas, contação de histórias, sessões de cinema, apresentações circenses, espetáculos teatrais e até aulas de zumba.

A turma do sítio aparece por lá de vez em quando para divertir todo mundo, e diz a lenda que, quando some alguma coisa por lá, é o Saci que aprontou mais uma das suas travessuras! E quem mora na Travessa Sacy? Será que ele apronta muito por lá?



Imigrantes em Suzano



Migração e imigração. Esse é um dos assuntos mais legais que existem para estudar. Pois todos nós temos um parente, próximo ou distante, que um dia saiu de sua casa para morar em outro lugar.

Mas, antes de começar, vamos falar de três palavrinhas, de grafia quase igual, mas de significado bem diferente. E que às vezes causam confusão. O migrante é aquele que viajou dentro do seu país, como os nordestinos que vieram morar em nossa cidade...

O emigrante é aquele que saiu da nossa pátria para viver em outro país. Um exemplo de emigração recente é a que aconteceu a partir de 2018 com os brasileiros que decidiram morar em Portugal. E imigrante é quem saiu de sua pátria para viver em um país estrangeiro. Como os japoneses e os sírios libaneses, em Suzano.

A cidade de Suzano recebeu imigrantes de várias partes do mundo. Principalmente do Japão e de países árabes. E essas histórias começaram assim:

Um certo dia do ano de 1880, Dom Pedro II saiu daqui para visitar o Líbano e se encantou pelo seu povo. Quis que eles viessem para cá morar. E ajudou a organizar a primeira vinda dos amigos árabes para nossas terras.

Num outro certo dia, isso já em 1905, o ministro-residente do Japão Fukashi Sugimura visitou o Brasil, se encantou com o povo brasileiro e, quando voltou, começou a organizar a primeira viagem de imigrantes do país do sol nascente.

As crianças e as professoras das escolas vão agora contar, de um jeito que é só delas, as diferentes chegadas, em nosso país e na cidade de Suzano.



Logo após Dom Pedro II voltar de viagem, começaram as conversas para que os imigrantes pudessem cá chegar. Em 1920 já eram 50.246 pessoas, a maior parte delas morava no estado de São Paulo. Inclusive em Suzano.

No fim do século XIX aconteceram muitas migrações no Japão e nos países árabes. Muitos de seus cidadãos seguiram pelo mundo e os destinos principais foram a América do Norte, a América do Sul e em especial o Brasil.

Já em 1880, um primeiro grupo de cidadãos libaneses desembarcava no porto de Santos ou do Rio de Janeiro. E tem uma curiosidade que vale a pena conhecer. A maioria dos imigrantes de outros países vinha trabalhar na lavoura, na agricultura, como os italianos e os japoneses.

Mas, com os sírios e libaneses, era diferente. Começaram a vida, em sua maioria, como mascates, que são os comerciantes que vendem produtos de porta em porta. Com o tempo, muitos deles se tornaram grandes comerciantes e empresários



Imigração sírio-libanesa

Quem chegava e não conseguia viver na cara São Paulo se espalhava pelo interior paulista, onde tinha mais facilidade de vender suas mercadorias para as pessoas do campo, que sofriam da dificuldade de ir para a cidade fazer suas compras. Andavam de lá para cá e irradiavam simpatia levando seus produtos para quem morava nas fazendas.

É como aqui tinha muitas fazendas, eles encontraram a oportunidade de abrir seus próprios armazéns e lojas em seus arredores, mesmo com a dificuldade que tinham de se comunicar. Para se fazerem entender, usavam frases básicas e muita mímica!

A tradição milenar dos sírios libaneses é lidar com o comércio. Seus antepassados, o povo fenício, eram craques nas artes das trocas. Portanto, negociar é com eles mesmos: sabem comprar com um bom preço, dar melhores condições de pagamento para os clientes, vender fiado, anotar nas cadernetinhas feitas à mão. Para cada necessidade, sempre acham uma solução!





Quantas famílias vieram desses países para a nossa cidade? Muitas! E até hoje eles chegam aqui. Se no passado eram sírios e libaneses, hoje abrange mais países árabes: palestinos, iraquianos, jordanianos, a maioria refugiados das guerras no Oriente Médio, enriquecendo ainda mais a cultura de nossa cidade.

A tradição de ser recebido por parentes e conterrâneos, que logo tratam de acolher e “treinar” os recém-chegados nos diversos ofícios, trouxe muitas histórias dessas vivências. Um antigo morador da cidade lembrou de uma história interessante que seu avô contava e que é muito comum com outros imigrantes daqui:

“Quando cheguei aqui, eu fazia sinais com as mãos para me comunicar. Depois de um tempo, quando me perguntavam uma coisa, eu sempre dizia “sim”, mesmo sem saber do que falavam... Só mais tarde, quando já entendia alguma coisa, foi que comecei a usar a palavra “não”.”



Você sabia que muitas palavras árabes fazem parte da língua portuguesa? E algumas delas já fazem parte do português há séculos, devido a um antigo período de domínio árabe em Portugal e Espanha, que coincidiu com o momento de criação da língua portuguesa. Você sabia que ela, a nossa língua, já tem mais de 800 anos?

Leia algumas palavras árabes que fazem parte do português. Parece que sempre existiram, não é?

Vejam a lista que as professoras Sandra e Luciana, da Escola Célia Pereira de Lima, fizeram com seus alunos:

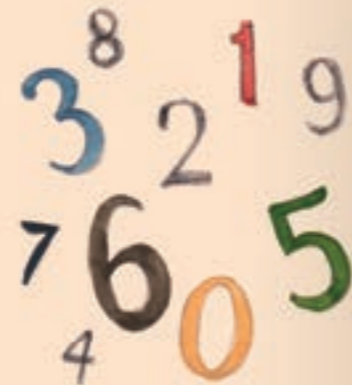


Cacareco
Café
Fulano
Laranja
Limão
Mesquinho

Sucata
Tabefe
Talco
Tambor
Xadrez
Zero

E não podemos deixar de lembrar também as muitas palavras que começam com o prefixo AL. São muitas mesmo, mas escolhemos apenas nove:

Algodão
Alface Alfazema
Álcool Algarismo
Alecrim Alicate
Alfaiate Almanaque



Na pesquisa feita pelos alunos do 4º ano A, da Escola Célia Pereira de Lima, a Manuella Rodrigues, a Karina dos Santos Oliveira, o Gabriel de Araújo, o Danilo Freitas, o Cauã Machado Neves e o Cauã Siqueira fizeram muitos acrósticos que foram propostos pela professora Sandra, e todos eles com jogos de palavras do universo árabe! O acróstico é uma brincadeira muito gostosa que fazemos com as palavras. Uma palavra é escrita verticalmente: algodão, alface. E uma história precisa ser contada com outras palavras, na horizontal, que tenham as mesmas letras dessa primeira. Veja como é fácil!

BRANCO
BOLINHA
GORDO
FOFO
PELUDO
LÃ
TECIDO

VERDURA
LISA
FOLHA
LAVÁVEL
CRESPA
VERDE

O aluno Davi Antonio de Souza, criou um poema quando brincou com a palavra mesquinho. Veja só:

Naquela casa velha
tem um dono bonitinho.
Mas a casa só é velha,
Porque o dono é mesquinho.



A professora Luciana teve insônia certa vez quando refletiu sobre um aluno seu, e na calada da noite resolveu escrever algo para ele. Poesia é assim, chega sem bater na porta, a qualquer hora do dia ou da noite. E ela narra assim essa história:

Pensei sobre esse tema dos imigrantes e fiz este pequeno poema. Fui professora do Abdullah, irmão do Mohamed, por vezes me emocionei com ele...

Sua dor de estar longe da mãe, de ter vivido tão cedo as dores da guerra, sua luta para não esquecer sua língua e seus costumes e a esperança de ter uma vida feliz.

E a nossa terra querida
Recebeu de braços abertos
Os filhos descobertos
Pelas mais diversas dores
E aqueles sonhadores
Que aqui puderam ser
Donos de sabores,
Simples moradores
E também tecer com cores
Novas histórias
Novos amores.
Sirios, libaneses, árabes...
Em paz, moradores
Da mais linda entre todas,
A Cidade das Flores.



Imigração japonesa

Era o ano de 1905, e a notícia de que os brasileiros eram receptivos, que o Brasil era um lugar cheio de novas oportunidades, se espalhou no Japão. Os japoneses viviam dias difíceis, pois o país passava por uma longa crise econômica, e essa informação gerou muitas esperanças.

A busca por melhores oportunidades de vida incentivou a emigração dos japoneses para vários países da América, entre eles Estados Unidos, Peru, México e Brasil.

Pouco tempo depois, o navio Kasato Maru chegou ao Porto de Santos com 781 pessoas que vieram trabalhar nas fazendas do interior do estado de São Paulo, onde se situa a cidade de Suzano. Foi o primeiro de muitos.



Atualmente, o Brasil abriga a maior população de origem japonesa fora do Japão, com cerca de 1,5 milhão de nikkeis, palavra que os japoneses e seus descendentes usam para se denominar.

Suzano tem uma das maiores colônias do estado. Tudo começou com a vinda de duas famílias nipônicas, a Haquihara e a Oshima, e hoje contamos com cerca de 16 mil nikkeis, a maioria vivendo no centro e no distrito de Palmeiras.

Eles trouxeram marcas profundas da sua cultura para a vida da nossa cidade, e elas estão em muitos lugares, urbanos e rurais. Na arquitetura, na agricultura, em edificações e esculturas, festividades, culinária...

A agricultura é uma das marcas de Suzano, graças aos japoneses e seus descendentes. Eles gostam muito de plantar legumes, verduras e flores, que tiveram presença decisiva na formação do Cinturão Verde que tem um capítulo só para esse assunto no nosso livro.

A participação dos japoneses na história de Suzano influenciou a economia, a política e, claro, a cultura, com sua presença no dia a dia e com suas tradições sendo abraçadas por todos, em muitos pontos turísticos e nas festas da cidade. Desde 1969, Suzano teve quatro prefeitos de origem japonesa!



Há mais de cinco décadas, o Templo Budista faz parte da história de Suzano. Você acredita que ele foi construído sem o uso de pregos na sua estrutura? Os japoneses sabem muito da arte de encaixar as madeiras. Ele é considerado um patrimônio cultural, religioso, histórico, turístico e arquitetônico da cidade. E lá acontece muita coisa legal.



Existem também muitas festas que vieram junto com os japoneses para Suzano: a Festa da Cerejeira, a Gincana Undokai, o Tyoutin Matsuri e o Festival das Lanternas no Templo Budista Nambei Shingonshu Daigozan Jomyoji são algumas delas.

Esse ato de acender as lanternas representa agradecimento ao ano que termina e prosperidade para o ano novo. Sobre ele, foi escrito este poema, criação coletiva dos adultos que trabalharam neste livro.

Fui no Festival das Lanternas
e lá me deu uma saudade eterna
da minha avó, mãe da minha mãe,
avó materna.
Ela contava tão bem,
as histórias do Monte Fuji
e de muitas cavernas também.
Nunca fugi dessas memórias,
que fazem parte da minha história...

Os alunos do 4º ano A, da Escola Célia Pereira de Lima, fizeram pesquisa, poemas e acrósticos sobre o tema. Raphael Chrystian Rodrigues escreveu:

No dia que Kasato Maru
Veio para o Brasil,
Os imigrantes do Japão
Ficaram muito animados
Para fazer uma plantação.

E vejam só este poema da Ingrid da Silva,
que trata do mesmo assunto:

Somos filhos da imigração
Que veio na embarcação
Que saiu do Japão
E aqui fizeram plantação



Também foram feitos acrósticos coletivos por Mariana Cordeiro Alves, Bernardo Ferreira, Danilo Freitas, Yasmin dos Santos, Daniel Dutra e Gabriel de Moura:

JAPONESA
CAFÉ
PALMEIRAS

REGIÃO
NAVIO

CAFEEIRA
SUZANO
LOCALIZAÇÃO
TRABALHO

NORIJUKI
LAVOURAS
AGRICULTURA

Migração nordestina

Uma pessoa sai do lugar de onde nasceu, onde estão sua família e seus amigos, e vai morar em outro lugar, nem sempre porque quer, mas porque precisa. Porque onde está, tem pouco trabalho, oportunidade, esperança.

A migração nordestina para a região Sudeste do Brasil começou assim: a partir de 1930, muita gente que morava por lá teve de pegar a estrada e seguir para o eixo Rio-São Paulo, onde surgiam novas indústrias, e havia muitas chances de emprego. Principalmente em nosso estado.

É Suzano foi uma das cidades que receberam os migrantes que buscavam uma melhor oportunidade de vida. Pessoas que nasceram nos estados da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Paraíba, Sergipe, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, lugares ricos em cultura e patrimônios sobre os quais vamos contar um pouco neste capítulo. Coisas que eles bem viveram lá e nos ensinam aqui...



Festa Nordestina

Tudo começou num terreno no Jardim Dona Benta. Era o ano de 2009 e o mês de agosto. E a vontade era a de criar uma festa igual às festas de suas casas. É nada melhor para matar a saudade do que saborear uma boa buchada de bode, um baião de dois, bobô de camarão, sarapatel, caldo de mocotô, cocada, tapioca. É arrastar o pé num gostoso forró, dançando xote, xaxado ou o nortista carimbó.

A professora Raquel Milene da Escola Therezinha Muzzel sempre ajudou na realização dessa festa, desde que ela era organizada pela Paróquia Santa Rita de Cássia e pela comunidade do bairro São José, onde a maioria dos moradores é de migrantes vindos da região Nordeste.

Hoje a festa cresceu, e há quatro anos acontece no Parque Max Feffer, recebendo quase 60 mil pessoas, com várias apresentações de grupos musicais e de dança.



Essa festa representa muito para a comunidade, mesmo tendo mudado de endereço algumas vezes. Ela começou no Jardim Dona Benta, depois foi para o Jardim Santa Inês, Jardim Europa e agora acontece, como já dissemos, no Parque Max Feffer. Na festa, as pessoas se voltam para suas raízes, recordam da infância e comemoram a oportunidade de terem conseguido uma vida melhor em outro estado. Mas sempre com o coração voltado para o Nordeste!

O Wendell, pai da Maria Clara de Souza Mendes do 4º ano da Escola Therezinha Muzzel, começou a cozinhar com 11 anos, porque a mãe precisava trabalhar fora, e já foi o cozinheiro da festa. Ele conta que a buchada de bode é o prato mais procurado por todos e revela a receita que deixa todo mundo com água na boca!

Receita de Buchada de Bode do seu Wendell

Ingredientes

Visceras de 1 bode (bucho, tripas, fígado, pulmão, coração e língua)
2 cebolas
2 pimentões
2 tomates
2 colheres de sopa de cominho
1 maço de hortelã
2 colheres (chá) de pimenta-do-reino
2 colheres (sopa) de colorau
Azeite
Sal a gosto
10 dentes de alho
1 maço de coentro
Aguilha e linha (para costurar os travesseirinhos de bucho).



Pique em cubinhos todas as carnes, menos o bucho, e coloque numa vasilha com uma colher de colorau, pimenta-do-reino, cominho e sal a gosto. Reserve.

Acrescente metade da cebola, dos pimentões, dos tomates, do alho, do hortelã e do coentro picados. Adicione o colorau, a pimenta-do-reino, o cominho, o sal, e misture bem.

Corte o bucho em seis pedaços, para formar pequenos travesseiros. Costure as laterais com linha, deixando apenas um lado aberto. Corte pequenos pedaços restantes do bucho e amarre com uma tripa. Faça várias voltas ao redor desse bucho, para que não desmanche.

No fundo de uma panela grande, arrume os travesseirinhos de bucho e adicione os legumes e temperos. Regue com azeite e adicione água até cobri-los por completo. Deixe cozinhar por uma hora em fogo baixo. Está pronto!

Cinturão Verde



Antigamente no planeta Terra só existiam rios, mares, montanhas e florestas. E essas florestas eram tão diferentes umas das outras, que surgiam muitas histórias em cada uma delas. Quer ver? Você já parou para pensar que a personagem Chapeuzinho Vermelho só usa manta e capuz bem quentinhos, pois mora numa floresta muito fria? E o nosso Saci? Ele vive numa floresta bem quente. Para perambular quase sem roupa, só mesmo vivendo numa mata tropical, onde não sente frio nem de noite, nem de dia!

Este capítulo fala de um lugar que também é cheio de árvores, plantas e verduras, onde vivem seres interessantes com histórias tão encantadores como os que contamos acima. Sabe qual é o nome desse lugar? Cinturão Verde. Você já ouviu falar?



Toda cidade é mais bonita quando cuida e mantém vivos seus belos espaços, bem verdinhos. E Suzano faz parte de uma Reserva da Biosfera chamada Cinturão Verde.

É cinturão verde não é aquela cinta que o personagem Hulk coloca na cintura para segurar suas calças rasgadas. Esse cinturão é uma enorme área verde que envolve com um abraço bem gigante a nossa capital.

Em 1993, a área que dá esse abraço bem verdinho na cidade de São Paulo foi declarada Patrimônio da Humanidade e integrada ao Programa "O Homem e a Biosfera", da Unesco, esse importante órgão da Organização das Nações Unidas (ONU).

Essa reserva é tão grande que envolve 73 municípios em sua região, inclusive Suzano. Vamos entrar nele e descobrir sua história e suas belezas?

Entramos no Cinturão e o clima aqui fica mais úmido e frio. Assim, as verduras e as hortaliças encontram uma vida perfeita: um pouco de sol e muita sombra e água fresca!

Quatrocentos agricultores fazem suas plantações aqui em Suzano. Se somarmos todos os verdureiros das 73 cidades, são mais de 4 mil! E olha a importância do seu trabalho: o Cinturão Verde paulista responde por 25% da produção nacional de verduras e por 90% das verduras e 40% dos legumes consumidos na nossa capital.

Além de Suzano, outras cidades como Arujá, Biritiba, Mogi das Cruzes, Guararema, Salesópolis e Santa Isabel fazem parte desse mar verde, que está vizinho à zona leste da cidade de São Paulo.





Muitas das pessoas que plantam na nossa cidade são filhos, netos, bisnetos de japoneses. E os primeiros que chegaram do Japão foram as famílias de Kisaku Haguahara e Noriyuki Oshima. Chegaram e fizeram o que sabiam de melhor, algo que é muito forte na cultura milenar do seu país: entender e respeitar os ciclos da natureza para tirar da terra seu sustento.

Uma parte da colônia foi viver no centro da cidade. Outra parte, o que representa aproximadamente 110 famílias, veio para o distrito de Palmeiras, onde seus descendentes semeiam e colhem até hoje. Onde fazem nascer todos dias histórias que alimentam Suzano.

O engenheiro agrônomo Deived Lopes, que trabalha na Prefeitura de Suzano, foi entrevistado para o projeto e nos contou várias coisas interessantes. Olhe só.

Na década de 1960, o Cinturão Verde surgiu como área de cultivo agrícola, certo? E o que ajudou muito foram as novas estradas, inauguradas há pouco, ligando o estado de São Paulo a outros estados. Isso facilitou demais a distribuição de hortaliças e frutas plantadas por aqui.

E Deived nos informa também quais são as verduras e os temperos mais plantados atualmente na região do Cinturão Verde: alface, repolho, couve, acelga, chicória, salsa, cebolinha e coentro. Mas também são cultivados frutas e legumes: tomate, litchia, mexerica e goiaba. Pepino, rabanete, escarola e cogumelos. Quanta coisa, não é?



A professora Juliana Barchi reuniu seus alunos do 4º ano B da Escola Isaias Martinelli Gama, para fazerem um lindo poema sobre o tema, e assim descobriram que tomate é uma fruta! Veja só se ele inspira você a colocar mais coisas verdinhas no prato e deixar seu corpo mais saudável!



Cheio de flores e esculturas
Sua economia é a plantação
De hortaliças e verduras
No cinturão verde
Tem plantio de cebolinhas
Que é usado como tempero
Na comida de casa
E na das vizinhas
Não sei se você sabe
Que é um fruto o tomate
mas comemos como salada
Com azeite, sal e alface.



Seja horta
Seja canteiro
Plantação ou pomar
Na cidade de Suzano
temos muito o que plantar.



Águas de Suzano



O começo de um rio é a sua nascente, um pequeno berçário de girinos, peixes e outros bichinhos. Conforme o rio desliza por vales e montanhas, com curva para direita e para a esquerda, ele vai crescendo. É como gente e semente.

É assim a vida do rio Tietê. Ele nasce em Salesópolis, perto da Serra do Mar, no alto de uma montanha de 1.300 metros de altura e vem para o interior do continente. Suas águas demoram uma hora para chegar a Suzano depois de percorrerem 57 quilômetros.


Na nossa região
Existe o rio Tietê
Ele é muito famoso
Por seu recurso valioso.

Ele faz parte
Da nossa natureza
Devemos cuidar dele
E preservar sua pureza.

Mas, infelizmente
Ele está poluído.

No nosso futuro
Esperamos que ele
Esteja puro.

Poema coletivo da turma do 4º ano C, da professora
Joyce Campitelli da Escola Isaías Martinelli Gama.



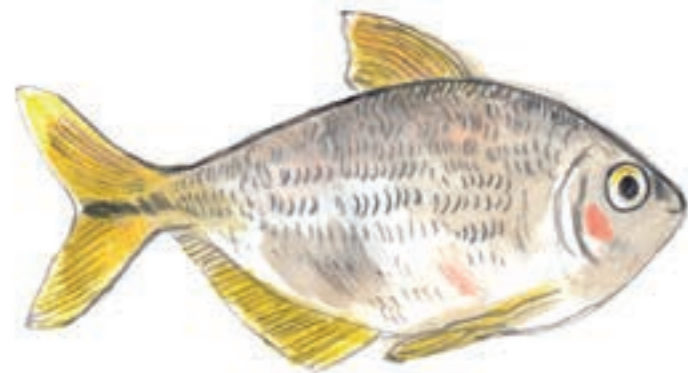
Água sempre foi um bem precioso para as pessoas e, por isso, muitas cidades surgiram na beira de grandes rios.

Além do rio Tietê, outras águas passam por aqui: Taiapuêba, Taiapuêba-guaçu, Taiapuêba-mirim, Una, Guaiô, Balainho.

A Bacia Hidrográfica do Alto Tietê Cabeceiras tem 1.889 km² de área de drenagem e nela está a represa Taiapuêba, na divisa de Mogi das Cruzes com Suzano. Além de ajudar a abastecer a Região Metropolitana de São Paulo, ela gera energia para nossa cidade.

A represa de Taiapuêba
Abastece de água
São Paulo e regiões
Seu reservatório é grande, onde
Cabem metros cúbicos, em milhões.

Poema da aluna Ana Luiza Lima,
da Escola Adélia de Lima Franco,
professora Mirela Ribaldo, 4o ano B.



A represa foi inaugurada em 1976 e servia para controlar as inundações da região. Em 1992, a represa começa a gerar abastecimento de água da Região Metropolitana de São Paulo e faz parte do Sistema Alto Tietê. Sua barragem tem a altura de 20 metros.

Seu reservatório possui uma área inundada de 748,83 hectares, com capacidade de 85,2 milhões de metros cúbicos de água.

Tanta água para lambaris de rabo amarelo se esbaldarem junto com os pássaros quero-quero, fogo-apagou, sabiá-laranjeira, garças, e muitos pescadores que no silêncio de suas pescarias contam muitas histórias com verdades inventadas que nem couberam nesse livro...



Edição: Otavio Nazareth
Pesquisa, texto e edição da produção dos estudantes: José Santos e Selma Maria
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Luana Mendes
Ilustrações: Nara e Heitor Isoda
Revisão: Manuela Penna e Maria Fernanda Alvares
Produção editorial: Renata Sizilo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

S237c
Santos, José.
Suzano : a cidade da gente / organização José Santos e Selma Maria ; ilustrações Nara Isoda e Heitor Isoda — São Paulo : Olhares, 2020.
80 p. : il. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-00-3

1. Literatura infantojuvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural 4. Migração
5. Suzano, SP. I. Maria, Selma. II. Isoda, Heitor. III. Isoda, Nara. IV. Título.

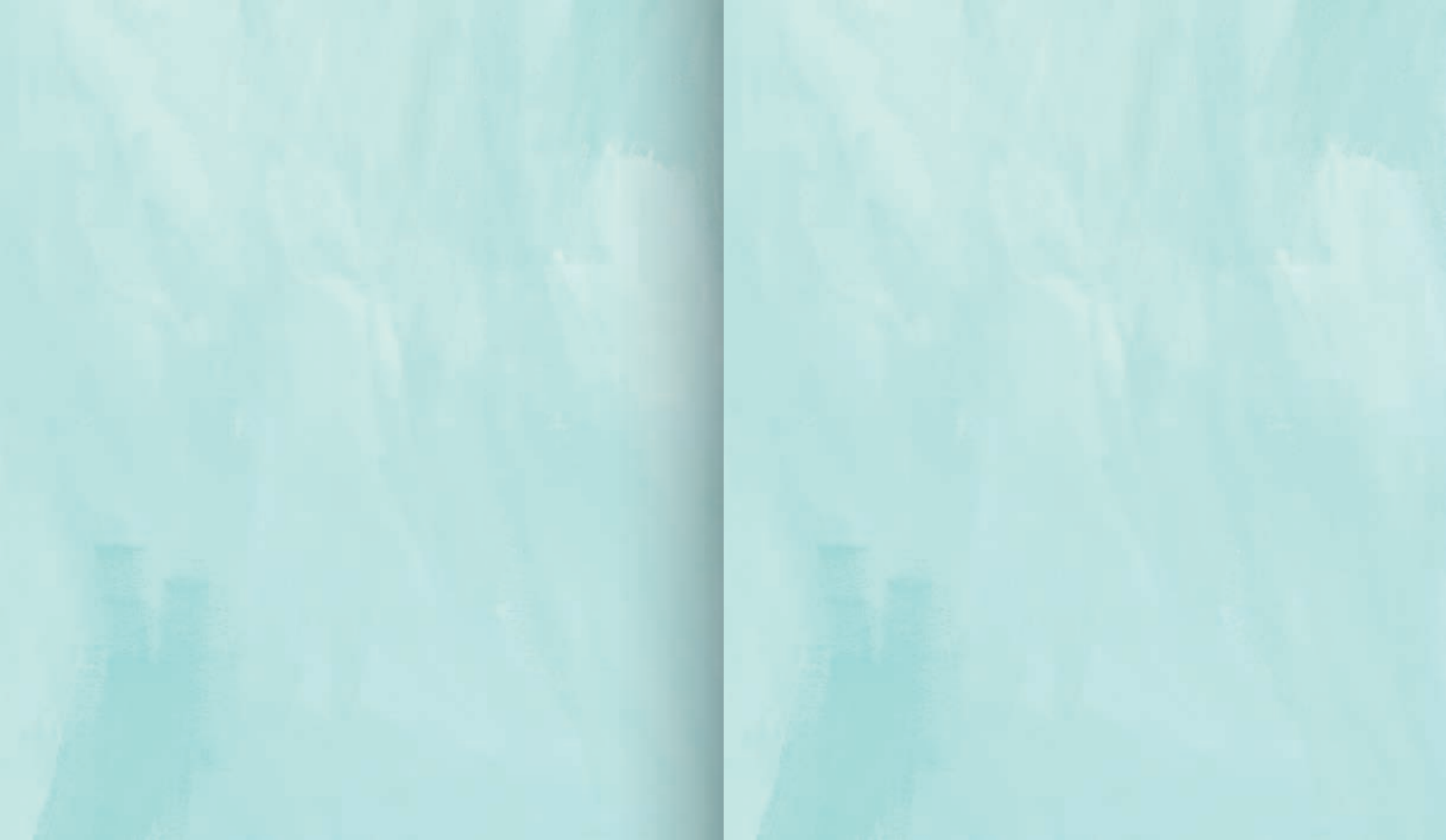
CDD 028.5
CDU 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes Veloso Baralle — CRB-8/10366



© 2020 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica Hawaii sobre papel offset 120g em julho 2020.



Era uma vez Suzano. Um dia a gente que morava lá percebeu que a história da cidade era a sua própria história... A Igreja do Baruel, os migrantes e suas culturas, o cinturão verde e outros patrimônios materiais e imateriais fazem parte dessa história, contada com a ajuda das crianças da cidade.

